

O que os ideólogos da burguesia agrária brasileira estavam mesmo dizendo em nosso último boletim? Dentre outras bobagens, uma fortíssima e solene afirmação: “Embora as lavouras ocupem uma pequena porcentagem do território brasileiro, o País é uma potência agrícola e um dos líderes no comércio global de vários produtos”.

Nosso trabalho é verificar o que eles querem esconder com esse tipo de propaganda. Um bom começo é observar alguns números que medem o ranking mundial dos produtores de cereais. A fonte destes dados da produção é o mais recente **relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos** sobre a produção agrícola mundial, janeiro 2018. É a mais completa e segura fonte de estatística agrária internacional existente.

OS DEZ MAIORES PRODUTORES MUNDIAIS DE GRÃOS

	I PRODUÇÃO (milhões de toneladas)	II PARTICIPAÇÃO (%) NO TOTAL MUNDIAL	III PRODUÇÃO PER CAPITA. (ton./habitante)	IV SUPERFÍCIE DO PAÍS (x1000 km ²)
Mundo	2.606,0	100,00	0,342	
China	501,0	19,92	0,360	9.600
EUA	472,0	18,11	1,417	9.400
U. Europeia	298,0	11,40	0,585	4.324
Índia	241,0	9,24	0,188	3.287
Rússia	127,0	4,80	0,869	17.098
Brasil	116,0	4,45	0,557	8.514
Argentina	69,0	2,64	1,604	2.792
Ucrânia	66,0	2,50	1,534	576
Canadá	57,0	2,18	1,727	9.984
Austrália	51,0	1,95	2,125	7.692
G-10	1.997,0	76,60	0,502	73.267

Importante observação técnica: a norma do USDA (sigla em inglês para Departamento de Agricultura dos EUA) e demais congêneres internacionais, assim como no mercado agrícola internacional cotidiano, bolsas de mercadorias, etc., é considerar como grãos (ou cereais) apenas os três alimentos de base do mundo: trigo, milho e arroz. Não existe nenhum outro alimento de base no mercado mundial além destes três cereais.

Essa classificação tem fundamentos teóricos e práticos. Não se trata da natureza do valor de uso (utilidade) destes três alimentos agrícolas. Trata-se do fato deles serem os mais

produzidos, mais transacionados, mais consumidos (direta ou indiretamente) e ocuparem a maior área plantada no globo terrestre.

Trata-se, finalmente, de um problema de valor e de preços, além da renda fundiária (absoluta e relativa). Seus preços de atacado nacionais são, portanto, regulados pela estrutura (composição orgânica da terra-capital) dos seus ramos produtores em dimensão global.

São, portanto, esses três produtos que são considerados no relatório do USDA e na tabela acima. Veremos mais abaixo (nas “anotações à margem do tema”) outras considerações acerca de outros gêneros agrícolas que não entram na categoria de grãos ou cereais propriamente ditos, como as oleaginosas soja, amendoim, feijão, etc.

Primeira observação substancial sobre os números da tabela acima: a produção mundial dos três principais alimentos de base no mundo – 2.606 milhões de toneladas métricas anuais – é largamente insuficiente para se eliminar ou mesmo diminuir a fome da população mundial.

Como descrito em [recente boletim da Crítica](#), para alimentar em quantidade e qualidade a população mundial – aproximadamente 7,5 bilhões de pessoas, em 2016 – seria necessária a produção anual de aproximadamente 13 bilhões de toneladas dos três alimentos de base listados na tabela acima, cinco vezes mais do que foi produzido na safra 2016/2017.

Nesta já insuficiente oferta mundial o Brasil se destaca negativamente: é um dos países onde se produz menos alimentos de base no mundo – apenas 4,45% do total mundial.

Mesmo que a superfície do país (8,514 milhões de km²) seja aproximadamente a mesma de EUA e China, aqui se produz pouco mais de um quinto do que se produz em cada um destes outros dois países líderes da produção mundial.

Enquanto no Brasil se produz míseros 116 milhões de toneladas anuais de grãos, na China se produz 501 milhões e nos EUA 472 milhões. As áreas ocupadas nestes dois países com essas estratégicas culturas, como vimos no boletim anterior, são muitas vezes superiores à ocupada no Brasil.

EUA e China são “gastadores de terras”. O agronegócio brasileiro, nas palavras dos seus próprios ideólogos, é um virtuoso “poupador de terras”.

O fato é que essa mísera produção e participação do Brasil no total mundial de grãos já é um primeiro de forte desmentido daquele ufaníssimo “grande potência agrícola mundial” da propaganda.

Logo nos primeiros minutos de jogo já se revela em números redondos a realidade daquela fantasiosa virtude da burguesia agrária brasileira de grande “poupadora de terras”.

Infortúnios das virtudes? Em nome de uma fantasiosa bondade de preservar as florestas, os

rios e a natureza em geral, a burguesia agrária brasileira produz uma miserável quantidade de alimentos para alimentar sua população. Alguma coisa está errada nesta estranha equação.

Continuemos nossa investigação dos fatos. A realidade agrícola brasileira se revela ainda mais impiedosa quando se mede a produção per capita, quer dizer, a produção de alimento de cada país por habitante (Coluna III da tabela).

Por que essa medida é importante? Porque é o primeiro indicador disponível da produtividade da agricultura de grãos em cada país. E o que ele nos revela? Que no Brasil a produção de grãos por habitante é uma das mais miseráveis do mundo. Isso já está prenunciando uma goleada.

Dentre os dez maiores produtores de grãos registrado na tabela acima, só a China e a Índia, os dois países mais populosos do mundo, apresentam uma produção por habitante inferior à do Brasil.

Essa criminoso base fundiária capitalista nas economias dominadas do sistema imperialista mundial é o fator mais determinante da imensa miséria e fome das populações destes proeminentes integrantes dos BRICS, sigla para os cinco grandes “emergentes” do mundo – Brasil, Rússia, Índia, China e South África.

Baixa produtividade na produção do alimento de base é um dos fatores econômicos mais importantes para a predominância da mais-valia absoluta (baixa produtividade) nestas economias dominadas e, ao mesmo tempo, do desenvolvimento desigual e combinado na ordem imperialista global.

A calamitosa realidade agrária brasileira fica ainda mais evidente quando comparada com a da Argentina, que também não é nenhum paraíso de desenvolvimento econômico e social. Ao contrário, está cada vez mais próximo do inferno social brasileiro.

Mesmo assim, como se pode verificar na mesma coluna II da tabela, a produtividade no país vizinho, mesmo sofrendo sua ingloriosa decadência, é três vezes superior à do maravilhoso agronegócio “poupador de terras” brasileiro.

Antes de procurar outras formas de medir a produtividade na produção de grãos, lembremos mais uma solene afirmação dos ideólogos do agronegócio no Brasil, já registrada no boletim anterior, quando eles tentam explicar como foi construída isso que eles chamam de “grande potência agrícola”.

Vale a pena repetir: “ A explicação principal está nos ganhos de produtividade, centrados, no caso brasileiro, no volume produzido por hectare... Em outras palavras, a agricultura brasileira tornou-se uma atividade poupadora de terra. A produção de grãos é o exemplo

mais visível dos ganhos de produtividade”.

Uma afirmação dessa vale mais que uma delação premiada. Para comprovar se essa parte fundamental do discurso é verdadeira, nada mais saudável do que continuar investigando outros dados presentes no mesmo relatório do USDA em referência.

Relembrando alguns dados: o milho é o alimento de base das Américas. E sua produção no continente se aproxima de 600 milhões de toneladas. Isso é o equivalente a 56% do total mundial.

Além das ações políticas dos governos, a produção e os preços de atacado dos três alimentos de base em cada economia nacional isolada – como para qualquer mercadoria capitalista amplamente comercializada internacionalmente – são regulados pelos preços de produção desses alimentos na economia líder do ramo. Essa é uma regra econômica muito importante para se analisar as possibilidades e limites da produção agrícola nacional. A produção de milho nos EUA determina a dinâmica das demais produções nacionais deste cereal.

A China é o único país fora das Américas que tem uma quantidade produzida significativa de milho: 220 milhões de ton. Cerca de 20% do total mundial. É surpreendente que a produção de milho na China é maior que a de arroz (145 milhões de ton.) e a de trigo (130 milhões de ton.).

Chama a atenção essa grande produção de milho na China porque o arroz é o principal alimento de base na área asiática. Isso foi definido já por Adam Smith, que desenvolveu a mais completa teoria do alimento de base – depois amplamente aproveitada e ampliada por Marx.

Esse tipo de fundamento tão importante para a teoria econômica não é ensinado em nenhuma escola de Economia do mundo. A teoria do alimento de base não é mencionada nem pelo menos nos manuais de História do Pensamento Econômico. Ignorância e vulgarização total. Venha para o mundo do capital!

Notável também aquela equilibrada repartição entre os três alimentos de base na mais populosa economia do mundo. Isso merece um estudo a parte. Do mesmo modo o Brasil, onde, pelo motivo oposto ao da China, o que se verifica é uma repartição absolutamente desequilibrada entre os três alimentos mundiais de base. O maravilhoso e altamente produtivo agronegócio brasileiro apresenta uma desprezível produção de trigo (6,73 milhões de ton.) e de arroz (7,82 milhões de ton.).

Deve ser para poupar terras que o agronegócio brasileiro não produz cereais. Mas a fiel torcida (mais faminta do que fiel) de mais de 200 milhões de habitantes da maior economia do mundo ao sul do equador bem que agradecerá a esses beneméritos senhores

“poupadores de terras” um pouquinho mais de arroz e macarrão no seu prato. A gravidade do problema aumenta quando se revela que esse agronegócio preservador da natureza, dos rios e das matas virgens (vide o Código Florestal recentemente aprovado pelo ilustre Congresso Nacional e alegremente sancionado pela ex-presidente Dilma Rousseff) é que ele é um péssimo produtor também de milho, o seu verdadeiro alimento de base. Veja a radiografia dos maiores produtores mundiais deste estratégico cereal.

PRODUÇÃO MUNDIAL DE MILHO (milhões de toneladas métricas)

	Produção (milhões de ton.)	Área (milhões de ha)	Produtividade (ton./ha)
MUNDO	1075	185,57	5,80
Estados Unidos	385	35,11	10,96
China	219	36,76	5,97
Brasil	98	17,60	5,60
Argentina	41	4,90	8,37
México	27	7,45	3,70
Canadá	13	1,33	9,96

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA (USDA), janeiro de 2018.

O agronegócio brasileiro é um grande irresponsável até no seu alimento de base. E muito incompetente. O que seus ideólogos deveriam responder nesta altura do jogo é o seguinte: por que o Brasil produz 98 milhões de toneladas de milho e os EUA, com aproximadamente o mesmo território e população que dispõe a burguesia brasileira, produz 385 milhões de toneladas?

Eles não são capazes de responder a essa pergunta. Procuremos então nós mesmos a resposta. Observe na tabela que a “grande potência agrícola mundial” de dona Kátia Abreu et caterva não é apenas uma catastrófica “poupadora de terras” - utiliza exatamente a metade das terras que nos EUA são destinadas à produção do milho. No Brasil 17,60 milhões de ha. Nos “gastadores” EUA 35,11 milhões.

Eles tinham um alibi aparentemente muito sólido. O que eles diziam na sua propaganda? Vamos repetir. Uma propaganda é para ser repetida milhões de vezes: “Embora as lavouras ocupem uma pequena porcentagem do território brasileiro, o País é uma potência agrícola e um dos líderes no comércio global de vários produtos”.

E como se dá exatamente esse milagre? Simples, dizem eles: “A explicação principal está nos ganhos de produtividade, centrados, no caso brasileiro, no volume produzido por

hectare... Em outras palavras, a agricultura brasileira tornou-se uma atividade poupadora de terra. A produção de grãos é o exemplo mais visível dos ganhos de produtividade”.

Produtividade? Volume produzido por hectare? Fomos conferir essas coisas complexas na tabela do USDA acima. E o que verificamos? Verificamos que o maravilhoso agronegócio brasileiro produz 5,60 ton/ha. E o irresponsável e gastador EUA? Exatamente 10,96 ton/ha. Exatamente o dobro.

Isso quer dizer o que? Simples como marcar mais um gol na seleção do Felipão: utilizando a metade de terras utilizadas pelos EUA e, ao mesmo tempo, alcançando apenas a metade da produtividade do seu “grande irmão” do norte – o maravilhoso agronegócio brasileiro não passa de uma miserável e totalmente improdutiva agricultura.

Encontramos então a resposta àquela pergunta acima do por quê os EUA produzem anualmente 385 milhões de toneladas de milho e o Brasil apenas 98 milhões. A resposta é simples: porque o agronegócio brasileiro não apenas produz uma quantidade miserável de alimentos para o mercado interno, mas faz isso com a pior qualidade do mundo, quer dizer, com a menor produção por hectare dos produtores com grandes territórios nacionais. A parasitária burguesia brasileira produz pouquíssimo alimento para a população trabalhadora do país e mesmo assim produz muito mal.

Propaganda enganosa! A propaganda dos ideólogos do agronegócio brasileiro, que estamos repetindo desde o boletim da semana passada, revela-se então totalmente enganosa.

Inventaram um falso alibi para esconder sua genética impotência produtiva. O propagandeado maravilhoso agronegócio brasileiro na verdade ostenta a pior produção por hectare dentre as principais economias mundiais produtoras de grãos.

Aliás, o glorioso “poupador de terras” só não fica na lanterna absoluta deste desastroso campeonato por causa do malfadado México – como os próprios mexicanos dizem, tão perto dos EUA e tão longe de Deus. O que ainda existia da tradicional cultura de milho no México foi totalmente destruída com a assinatura do acordo de livre comércio da América do Norte (NAFTA). Todo o milho para suas cada vez mais escassas tortilhas vem dos EUA e do Canadá.

ANOTAÇÕES À MARGEM DO TEMA – Como já anotado anteriormente, a contabilização de culturas de oleaginosas – soja, feijão, amendoim, girassol, mamona, etc. – não se confunde com a de grãos ou cereais contabilizados pelo USDA na tabela e nos cálculos acima.

Mas o governo brasileiro (Conab), os economistas do agronegócio e a mídia do país misturam irresponsavelmente a cultura da soja na contabilização dos cereais. Isso é totalmente incorreto. Esses senhores são incapazes de tratar com método e com seriedade importantes

assuntos econômicos do país. Uma forma de esconder sua incapacidade produtiva. É como se fossem contabilizados como grãos também o café, a cana de açúcar, a laranja, etc.

Curiosamente, só três países produzem soja de maneira sistemática em todo o globo terrestre: EUA (120 milhões de toneladas anuais); Brasil (108 milhões) e Argentina (57 milhões) centralizam mais de 82% da produção mundial desta commodity agrícola. O resto é residual.

Mas só no Brasil a cultura dessa oleaginosa é tratada como uma coisa muito importante – exatamente para a burguesia agrária compensar na ideia a sua incapacidade prática de produzir eficientemente grãos e cereais, como já verificamos nos números apresentados acima.

A produção de soja no Brasil é um mero caso particular de enclave agroexportador totalmente inorgânico e independente da dinâmica das culturas nacionais de grãos ou cereais. Para se entender por que isso acontece tem que começar primeiro a estudar aquela teoria do alimento de base de Smith e de outros economistas sérios que o sucederam. Mais de dois terços da produção brasileira de soja é exportado. É uma forma adequada e rigidamente localizada do moderno imperialismo agrário exportador no Brasil, Argentina e outros mini enclaves no Paraguai e Bolívia.

A América do Sul é a única área geoeconômica dominada em todo o mundo em que as empresas globais estadunidenses do agronegócio instalaram e administram esses enclaves agroexportadores de soja.

Monitoram toda a dinâmica e organização tecnológica, comercial, financeira, armazenamento, e preços destes enclaves agroexportadores localizados no cone sul da América Latina.

É notável, também, que o Brasil seja o maior produtor e grande exportador de frutas do mundo. E o segundo maior de soja, atrás de EUA. As coisas estão ligadas. Mas produzir frutas, para exportação ou não, também não transforma o país em uma “potência agrícola”. Problema histórico das especializações e vantagens comparativas de Ricardo que travam a periferia do sistema.

O que se verifica é que, contraditoriamente, o fato de este infeliz país aumentar cada vez mais sua posição de grande agroexportador de frutas e o segundo de soja aumenta na verdade sua impotência na produção doméstica dos alimentos de base e, conseqüentemente, também a miséria da sua população trabalhadora. Isso transforma a totalidade da economia em uma desclassificada e dominada no cenário internacional.

Não é por acaso que a paupérrima região nordeste do país, que historicamente era a maior produtora de cana de açúcar do país, nas últimas décadas passou a ser também a maior produtora nacional de frutas, em geral e, mais recentemente, de soja. Muita soja na Bahia, no Maranhão, no Piauí...

Recentemente, a soja passou a ocupar e superar, finalmente, o corrosivo papel de subdesenvolvimento nacional que até poucas décadas atrás era liderado pela cana de açúcar e álcool. A funesta função histórica da cana de açúcar para o subdesenvolvimento econômico brasileiro é exatamente a mesma que agora é travestida pela produção de soja e de frutas. Finalmente, para concluir esse quase interminável boletim, mais um pouco de realidade e teoria. Essa determinação imperialista do país ser um grande agro exportador de frutas e de soja não oferece nenhuma influência positiva para aumentar a produtividade do trabalho na totalidade do sistema econômico nacional, na natureza e dinâmica da indústria de manufaturas, etc. Esse efeito benéfico só poderia ocorrer com uma potente produção e produtividade dos três alimentos de base mundiais.

O que acontece na realidade agrária nacional é que graças ao efeito nefasto do parasitário agronegócio brasileiro e sua natureza particular de renda fundiária na produção de alimentos, o valor da força de trabalho na totalidade da economia brasileira será sempre muito elevado, em termos absolutos, e muito superior ao valor da força de trabalho em economias dominantes como EUA, Alemanha, Japão, etc. O país estará sempre em desvantagem, pois a força competitiva no mercado mundial é determinada pelo alto ou baixo custo unitário (determinado a produtividade) da força de trabalho.

O nível absoluto e relativo da força de trabalho nacional determina o valor da moeda e os diferentes salários reais e relativos entre as nações dominadas, onde predomina a mais-valia absoluta, de um lado, e, de outro, as nações dominantes, onde predomina a mais-valia relativa. Determina fundamentalmente a força ou a fragilidade das diversas economias no pesadíssimo jogo comercial e financeiro mundial.